

HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1 – Número 3 – Outono 2004 – Distribuição gratuita

Telmo Marçal – 2 contos

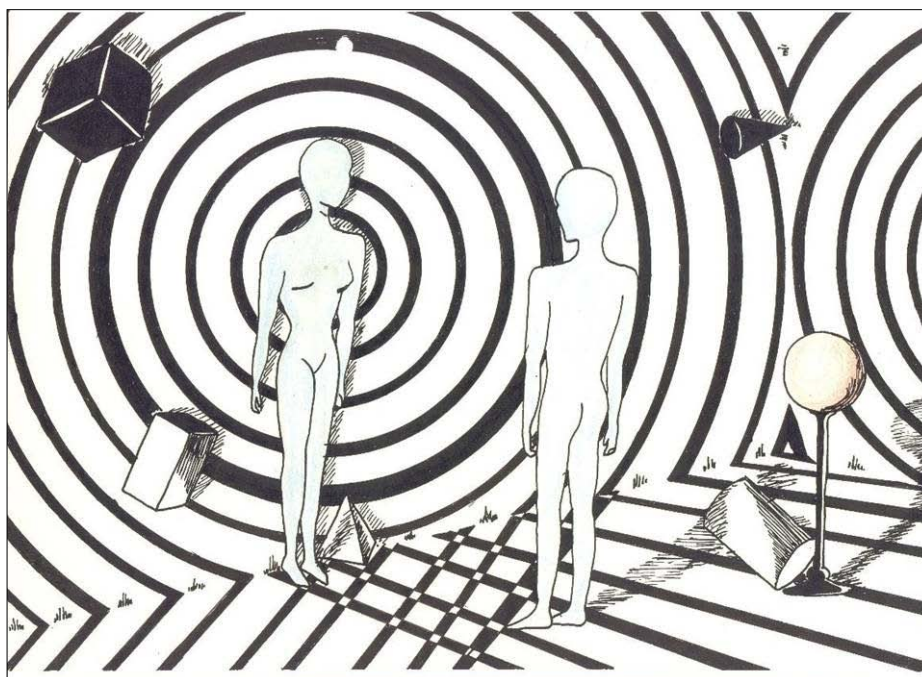
Regina Silva - Memória



HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1, Número 3, Outono 2004



© Regina Silva

Este fanzine é gratuito. A venda é proibida.

HYPERDRIVEZINE

Magazine de Ficção Científica

Volume 1, Número 3, Outono 2004

Índice

Editorial 4

Edgar Franco 5

Memória 7

O Teu Amigo Robot 9

Será Deles o Reino dos Céus 17

Editor: Ricardo Loureiro

Colaboradores: Edgar Franco, Telmo Marçal, Regina Silva

Hyperdrivezone – Magazine de Ficção Científica, Volume 1, n.º 3, Outono 2004. Publicado trimestralmente. Distribuição gratuita.

Todos os direitos reservados. O conteúdo desta publicação não pode ser reproduzido no todo ou em parte sem o expresso consentimento do editor ou dos autores e ilustradores. Os autores dos artigos, ensaios, críticas, ilustrações ou ficção são os legítimos proprietários dos respectivos direitos de autor. Todo o restante conteúdo é *copyright* de Ricardo Loureiro.

E-mail: <mailto:hyperdrivezone@netvisao.pt>

Web: <http://hyperdrivezone.dyndns.org/>

Editorial

Este editorial esteve para ser diferente. Mas as circunstâncias levaram a que fosse alterado. Entre essas circunstâncias estava o facto de o projecto ter estado em vias de ser encerrado. As razões para tal foram publicadas em vários locais da internet, pelo que não lhes vou dedicar espaço aqui. Basta dizer que a vontade de seguir em frente, bem como o respeito aos colaboradores e leitores, levou a que procurasse alternativas. Uma dessas alternativas veio sob a forma duma oferta de colaboração da Vanessa Reis, que eu aceitei. Assim neste número o “quadro de pessoal” é aumentado com mais um elemento que muito contribuiu com o seu tempo, paciência e *know-how*, para melhorar o fanzine. Como editor dou-lhe as boas-vindas já que ordenado não posso dar.

A todos os que manifestaram o seu apoio ao projecto, incluindo colaboradores, leitores e interessados, deixo aqui o meu mais sincero agradecimento. As vossas palavras deram-me força e incentivo para prosseguir e ultrapassar os problemas. A vocês dedico este número.

O terceiro número, que foi para ser um especial, ideia que acabou por ser abandonada por vários motivos, conta com duas estreias: Regina Silva é publicada pela primeira vez num fanzine. Pode o caro leitor apreciar em “Memória” uma pequena

amostra dos méritos desta escritora que num futuro próximo voltará a este fanzine; Edgar Franco é um ilustrador e pesquisador brasileiro que, tanto quanto eu saiba, tem pela primeira vez uma ilustração num fanzine português. Aproveitei a ocasião para pedir-lhe uma pequena apresentação sobre a sua pessoa e a obra. Mas a verdadeira apresentação é a ilustração que agracia a capa do fanzine, directamente inspirada no conto “O Teu Amigo Robot” de Telmo Marçal. Espero poder voltar a mostrar mais ilustrações dele.

O fanzine encerra com dois contos de Telmo Marçal. Um deles é original, tendo estado para ser publicado no extinto sítio *Hyperdrive*. Finalmente encontra uma publicação que foi por mim prometida, aqui. O outro é uma reedição de um conto que foi originalmente publicado no *Hyperdrive*. Tanto um como outro mostram-nos um autor em pleno uso das suas faculdades e com uma voz muito própria.

O fanzine a partir deste número terá duas versões, semelhantes em conteúdo mas diferentes no formato. Uma é a versão em papel, formato A5, que será distribuída em locais seleccionados de Lisboa e arredores. A outra é uma versão electrónica para ser descarregada via internet, a pedido dos interessados. Ambas as versões serão, como não podia deixar de ser, gratuitas. ■

Edgar Franco

Para dar a conhecer ao público português a obra do autor da capa deste número pedi-lhe que escrevesse uma pequena auto-biografia, a que ele gentilmente acedeu. Portanto e nas palavras do próprio eis quem é...

Edgar Silveira Franco, arquiteto pela UnB (Universidade de Brasília), mestre em Multimeios pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), doutorando em Artes Plásticas pela ECA/USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo) e professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Ciência da Computação da PUC – MG (Unidade Poços de Caldas), Brasil.

Como pesquisador de histórias em quadrinhos (BDs) e arte-tecnologia já teve diversos artigos publicados em livros e revistas, como no *Livro do XI Compós – 2002* e no volume 7 da coleção *Intercom*, tem apresentado suas pesquisas, há mais de oito anos, em congressos como Intercom, Lusocom e Compós. É também ilustrador e quadrinhista com dezenas de páginas publicadas em revistas do Brasil e exterior como: *Quadreca* (ECA/USP), *Brazilian Heavy Metal*, *Nektar*, *Metal Pesado*, *Quark*, *Mephisto* (Alemanha), *Dragon's Breath* (Inglaterra), entre outras. Em 2003 teve o álbum de BD *BioCyberDrama*, criado em parceria com o notório cartunista Mozart Couto, publicado pela editora Opera Graphica.

O estilo de arte criado por Edgar Franco foi alcunhado de *Fantasia Filosófica* por um crítico espanhol, suas ilustrações e BDs tratam de universos fantásticos sempre usados como metáfora do real, bons exemplos de sua proposta são os álbuns *Agartha*, com uma BD de 60 páginas, e *Transsessência*, coletânea de BDs curtas, os dois publicados pela editora brasileira, Marca de Fantasia. O artista tem também colaborado com BDs e ilustrações para diversas publicações alternativas brasileiras ligadas à FC e Fantasia, entre elas o premiado fanzine *Megalon*, *Quark*, *Notícias do Fim do Nada* e *Hiperespaço*. Recebeu menção honrosa em um concurso de ilustrações do *Fandom Directory*, publicação norte americana especializada em FC e Fantasia e é colaborador da revista alemã *Andromeda Nachrichten*.

Franco tem experimentado criar trabalhos para suportes hipermediáticos, batizando essa linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia de *HQtrônicas* – histórias em quadrinhos (BDs) eletrônicas – pesquisa desenvolvida em seu mestrado, um de seus trabalhos intitulado *NeoMaso Prometeu*, recebeu menção honrosa no 13º Videobrasil – Festival Internacional de Arte Eletrônica (Sesc Pompéia/São Paulo - 2001), além disso foi pre-

miado recentemente no programa Rumos Pesquisa 2003, do Centro Itaú Cultural em São Paulo/Brasil, com sua pesquisa de doutorado: *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*.

Sites do Artista e Pesquisador

Fotolog

<http://www.fotolog.net/edgar_franco>

NeoMaso Prometeu (BD eletrônica)

<<http://wawrwt.iar.unicamp.br/HQtronicas>>

Ritualart (com dezenas de ilustrações, BDs e entrevista)

<<http://www.geocities.com/ritualart.geo>>

Entrevista recente ao Alan Moore Fansite de cultura geral

<<http://www.alanmooresenhordocaos.hpg.ig.com.br/entrevistas69.htm>>

Para adquirir os álbuns de BD, *Agartha* e *Transessência*, visite o site da editora, Marca de Fantasia

<<http://marcadefantasia.sites.uol.com.br>>

Para adquirir o álbum *BioCyberDrama* visite o site da editora, Opera Graphica

<<http://www.operagraphica.com.br>>

Krepuskulum (crítica musical)

<<http://www.geocities.com/krepuskulum>> ■

Regina Silva estreia-se no fanzine com “Memória.” Sobre a escrita e o que a leva a escrever FC diz que escreve há muitos anos e só há pouco tempo se atreveu a mostrar a outras pessoas o resultado dos devaneios literários, reunidos num Livro em Branco. A escrita é acima de tudo um hobby. Entre contas e cálculos, é no que sobra dos intervalos para almoço que mais escreve, embora as ideias surjam a qualquer hora... como durante o banho ou quando está parada num semáforo. Outro hobby também muito importante para ela é o desenho. Muita gente lhe diz: Eh, desenhavas bem, devias ter tirado um curso nessa área! Resposta errada. Para ela, tal como a escrita, o desenho é uma forma de expurgar sentimentos e ideias, prendendo-os ao papel. E isso não se consegue fazer com hora marcada, prazos limite e seguindo as figuras de estilo de outros.

Memória

Regina Silva

Ninguém me ouve.

Ninguém me responde.

Estou farta de emitir apelos em todas as direcções que constam do banco de dados.

Talvez os danos tenham sido piores do que pensei, não tenho leituras.

Edess está caído no chão, nada mais posso fazer por ele. Kipat geme sem cessar. Os gritos e uivos de dor tornaram-se num murmúrio. O sangue empapa o chão. Nem sequer tenho forma de a ajudar. Tentei aceder ao controlo de suprimentos médicos em busca de um analgésico, um sedativo, qualquer coisa que a ajude e a mim. Não consegui.

Já não suporto o barulho, não consigo raciocinar. Sou a única esperança que têm e não consigo fazer nada a não ser emitir apelos constantes até que a pilha nuclear se acabe.

Levir não dá qualquer sinal. Estava no porão quando se deu o ataque. Não deve ter sobrevivido.

Espero que nos venham resgatar depressa. Quanto mais não seja, porque querem de volta o alienígena que está no porão, num compartimento crio-estático. Os dados do tubo de estase chegam até mim mas não fazem qualquer sentido. Não sei se o alienígena que lá está dentro estará vivo ou não.

Porque raio optaram por fazer este transporte? Dinheiro, sempre o dinheiro. O mesmo dinheiro que quase acabou comigo quando piratas espaciais atacaram a nave onde seguia, há dois megaciclos atrás.

Edess e Levir sabiam do perigo, mas o dinheiro da Federação falou mais alto. Onde tinham eles a cabeça quando aceitaram transportar aquele ser de outra galáxia? Os manda-chuvas da Federação pensaram em salvar os cabedais dos seus meninos da Frota, suspeitava-se que alguém viria em busca do alienígena. Calhou-nos a nós levar com o impacto de um canhão de beta-plasma no casco.

Kipat continua a gemer. O seu corpo está muito danificado. A única esperança para ela é salvarem-na a tempo de a converter numa UCCI. Para muitas naves que seguem as rotas comerciais, uma UCCI (Unidade Central de Controlo Interno) é o que as salva da morte certa. Uma UCCI é uma bio-AI. Um computador aliado ao cérebro de uma pessoa, às suas memórias e experiência. É-lhe dado um tratamento de supressão de emoções para que não tenha um esgotamento; ser uma UCCI é uma responsabilidade tremenda.

Algumas UCCI têm a memória de astronautas que atingiram a idade da reforma mas querem continuar ligados ao espaço a que devotaram as suas vidas. Outras, como a desta nave, têm uma UCCI com a memória biológica de um astronauta cujo corpo não pôde ser salvo.

É a única esperança de Kipat. Sei o suficiente de biologia centauriana para ver que ela não vai durar muito mais.

Continuo a emitir na direcção de todas as colónias da Federação e todas as rotas conhecidas. Alguém me há-de ouvir.

Kipat soergue-se a custo. Arrasta-se na direcção do posto principal e passa a mão trememente pela consola táctil.

- Dai? Sei que vou morrer... os socorros não chegarão a tempo. És o melhor amigo que alguma vez tive... só é pena ter-te conhecido tão tarde, queria ter nascido dois megaciclos antes... para ver como eras, quando eras humano. Gostaria de te poder abraçar... – uma golfada de sangue sai-lhe pela boca e ela cai de novo no chão.

Choraria se ainda tivesse olhos. Não é fácil ser uma UCCI. ■

Telmo Marçal volta ao fanzine. Pedindo-lhe um resumo da carreira literária até ao momento conta-nos que até agora só publicou três contos: “O Teu Amigo Robot”, no extinto sítio da internet, Hyperdrive, escrito em 2003; “Umás Férias em Marte”, no fanzine Dragão Quântico, também escrito em 2003; “A Decadência da Colmeia”, neste fanzine já no ano de 2004. Há mais de uma década também publicou duas ou três coisas no DN-Jovem. Depois fez um hiato, em que de escrita original só saíram artigos sisudos em periódicos locais. Agora, que estava em pleno processo de consolidação de aburguesamento e pronto para antecipar as delícias da meia-idade, foi de novo espicaçado pelo desassossego. Próximas publicações de contos há várias: no Somnium, “O Paciente”; no MegaScarium, “Quasir, o Banqueiro”; no Dragão Quântico, “Eu sou um Carrasco”. Sobre “O Teu Amigo Robot”, esta é quase uma primeira incursão na escrita ficcional. Pelo menos é a primeira após os idos da adolescência. O X-Bot existe. Tem um em casa. Foi oferecido ao filho no último Natal, sob o disfarce de brinquedo. É ainda uma versão embrionária, mas tem muito potencial.

O Teu Amigo Robot

Telmo Marçal

Quando se viu frente à muralha que rodeava o quarteirão, resolveu fazer um interlúdio para ponderar melhor as suas opções. Podia simplesmente virar costas e encafiar-se de novo na boca do metro; a angústia diminuiria proporcionalmente à distância que pusesse entre ela e o pesadelo de betão negro. Mas também podia procurar no seu íntimo algumas réstias de coragem e lançá-las de encontro aos medos; talvez reunisse força bastante para dar o passo derradeiro em direcção ao seu destino.

Misturada com a torrente cinzenta despejada pelo metro, Leila avançou ao longo do passeio. Pouco depois engrossava o ajuntamento frente a uma das entradas do complexo, até que as portadas começaram a abrir e a multidão foi sugada para dentro. Resistindo aos empurrões, Leila conseguiu ficar para trás. De dentro reparou que lhe faziam sinais a pedir uma decisão. Aproximou-se do homem fardado e declarou a meia voz:

- Chamo-me Leila. Hoje é o meu primeiro dia.

O portão rugeu nas calhas, cerrando-se nas suas costas.

- Primeiro dia, hem? Como é que é o nome?

- Leila Rotus.

- Rotus... aqui está! Rapariga, estás metida num sarilho! Devias apresentar-te na Portaria B315; esta é a porta 12CF. Agora vai ser o cabo dos trabalhos. Vou ter de preencher um formulário. Espera um bocado. – O homem rabiscou nos papéis sem qualquer hesitação. - Toma! Este é o impresso A126-AK. E aqui está o esquema do percurso: nunca te podes desviar do traço a azul. Todas as áreas estão codificadas; não há que enganar. Os pontos a amarelo indicam quando tens de fazer mudança de modo: tomar o elevador, saltar para uma passadeira, andar a pé ou subir escadas. Se te perderes a Segurança dá-te cabo do canastro. Aqui os espiões comem pela medida grande.

Leila arregalou os olhos para o pátio deserto que se estendia à sua frente, ladeado por paredes altas que eram perpassadas ao nível térreo por portas e túneis de todos os tamanhos. Avançou de cabeça baixa, mostrando um sobrolho carregado ao rectângulo de plástico rendilhado a linhas coloridas que levava entre mãos, sem lhe descortinar qualquer indício esclarecedor.

O berro de uma buzina sobrepôs-se aos roncões abafados do ruído de fundo. Leila saltou para o lado, a tempo de evitar ser esmagada pela plataforma de carga. Do interior da cabina veio uma praga tão espinhosa que lhe arderam os ouvidos.

Leila recuperou do choque em instantes e correu atrás da esperança de ajuda. Pendurou-se na porta e martelou até lhe darem atenção.

- Rai's parta! Esta merda não é um autocarro.

A porta abriu-se, forçando-a a uma acrobacia para não se estatelar no cimento. Numa derradeira contorção guindou-se até ao nível dos assentos, caindo praticamente no colo do condutor.

- Eh lá! Arreda para o lado que ainda nos estampamos.

A viatura escapou por milímetros à esquina de betão e enfiou por um túnel sombrio aparentemente infinito, onde reinava a barulheira. A rapariga colocou o plástico multicolor debaixo do nariz do homenzinho e berrou-lhe acerca das suas necessidades imediatas.

- Rai's parta! – Ripostou ele. – Esta merda não é um táxi. E eu não sei onde fica isso; não sou guia turístico. O meu percurso é este e cumprio sempre a minha marca: apenas 23,46 segundos de atraso em mais de dez anos. – Após o desabafo, condescendeu numa miradela relâmpago ao mapa. – Não tens problemas; é só seguir a direito no corredor da Linha 23. Eu passo lá mas não nesse nível. Ali à frente, quando eu virar, saltas da plataforma e vais até ao monta-cargas. Sobes ao 12º e procuras os códigos da zona. Entre o 8º e o 10º tens de prender a respiração – o sector tem uma porcaria química qualquer. É agora, salta!

Leila seguiu as indicações e começou a percorrer um labirinto de corredores. Quando desembocou sob a luz ofuscante da nave que envolvia a linha de montagem, saltou da passarela e ficou apreensiva: era impossível prosseguir ao longo do varandim e não existia forma alguma de voltar para trás. Intentar uma gincana por entre as máquinas, homens e robots que acrescentavam bocados às estruturas monstruosas do poço seria suicida.

De repente foi agarrada e rasteirada; membros fortes seguraram-lhe a cabeça contra o metal do pavimento; o impresso A126-AK foi-lhe arrancado das mãos. Os dois homens couraçados que a prendiam lançaram grunhidos um ao outro até se darem por satisfeitos. Depois de a erguerem conduziram-na numa dança de cortar a respiração – abandonaram a segurança da zona de passageiros e avançaram até uma marca circular pintada no chão. De cronómetro na mão e seguindo um ritual misterioso, foram correndo

de marcação em marcação, fazendo uma espera em cada uma durante o tempo prescrito. Dessa forma os três conseguiram percorrer o varandim, sem ser molestados pelos artefactos mecânicos que se atravessavam lenta ou vertiginosamente em todas as direcções, numa cadência de pesadelo aparentemente bem ordenada. Tinham por vezes que se agachar para não serem atingidos pelas faíscas azuis que saltavam do poço. Por fim Leila foi atirada para uma pequena rampa rolante. Os Seguranças apontaram para cima e despediram-se com mais uns grunhidos.

Leila empurrou a porta e entrou num gabinete com uma mesa ao centro e várias cadeiras encostadas às paredes. Quando a porta se fechou quase todo o ruído ficou do lado de fora. A legenda junto a um receptáculo ordenava a quem chegasse para ali depositar os impressos que trazia. Poucos segundos após ser cumprida a instrução surgiu uma mulher de meia-idade, sem uniforme, que se dirigiu a Leila a gesticular:

- Até que enfim... A não especializada! Chegou com 112 minutos de atraso. Bem, contamos consigo para algumas excentricidades, mas nada de abusar. Um atraso destes corresponde à soma dos atrasos de toda a mão-de-obra directa durante... deixe-me ver... exactamente 79 dias. E agora diga-me cá uma coisa: você terá para aí uns 17 anos. Como é que consegue, com essa idade, não ter qualquer especialização?

- É essa a minha especialidade. – Respondeu Leila.

- Estou a ver... Bem, precisamos de si para uma tarefa muito especial. Os psicólogos andam a queixar-se que o X-Bot tem algum entupimento neural que está a afectar a autoprogramação. Dizem que precisa de expandir horizontes e de desanuviar um bocado – as curvas de performance não estão a evoluir de acordo com o extrapolado...

- X-Bot?

- Sim, o computador autómato que supervisiona o processo de condicionamento dos hiperespecialistas; um projecto-piloto de I&D com prioridade II. Este senhor robot está a precisar de uma ama-seca.

- Mas vamos ao que interessa: as especificações da sua tarefa determinam que conheça apenas o mínimo indispensável sobre os pormenores do projecto – esperamos de si alguma espontaneidade; reacções baseadas numa experiência de vida exterior à nossa cultura empresarial. Mas também não queremos confundir o X-Bot – é preciso que tenha uma ideia sobre o que fazemos no complexo. Sente-se ali enquanto reprogramo o *tour* para o adaptar ao seu atraso.

Leila estava bem necessitada de uns momentos de descanso.

- Já está! Esta noite terá de ficar alojada nas instalações. As especificações determinam que deve contactar o X-Bot às 7H17 de amanhã, após um período de repouso de pelo menos 7 horas; não há tempo para sair do polígono – parte da sua aprendizagem será completada no turno da noite. E agora vou chamar o seu acompanhante antes que

lhe dê um ataque de nervos. Foi recompensado com um turno em missão especial, devido a elevado desempenho – a inactividade deve-lhe estar a ser penosa.

- Apresento-lhe o... Artimius. – Anunciou a matrona após um relance à papelada. – Vai ser o seu guia. E agora toca a despachar.

Artimius arrastou Leila pelo braço quase em passo de corrida, mas mudou para um ritmo mais compassado quando se distanciaram. Então resolveu meter conversa:

- Está a ver... ao princípio pensei que tinha sido posto de castigo. Tirarem-me do meu trabalho... quem é que fica a fazer o meu trabalho? Fica o aprendiz, pois claro. Se calhar eles têm razão. Eu sou o operário mais indicado para esta missão. Sabe, eu sou um privilegiado. Tenho uma visão, como dizer... completa. Pelas minhas mãos acaba por passar tudo. Sou o Supervisor do Sistema de Tratamento dos Detritos. Um cargo importante; muita responsabilidade, está a ver. Alto! Acho que temos de virar aqui.

Artimius confrontou os dígitos da placa na parede com os das instruções que levava. Ficou satisfeito e deu um empurrão num painel que girou para o lado de fora. Passaram para um átrio forrado a portas de elevadores, junto às quais se enfileiravam algumas pessoas. Após aguardarem a respectiva vez fizeram uma curta viagem ascensional e desembocaram numa oficina com centenas de bancadas alinhadas. Frente a cada bancada, um homem ou uma mulher executava gestos precisos em ritmo acelerado.

Artimius comentou enquanto subiam para uma passadeira que atravessava a oficina a todo o comprimento:

- Divisão 345.TG – Montagem de componentes miniaturizados. Acho que já aqui estive uma vez; mas naquela altura ainda usavam braços robotizados. Está a ver aquele painel ao fundo? Existe um em quase todos os serviços. Marca a produtividade média que está a ser registada e os desvios em relação à referência. Também temos um no meu sector. Se estiver de olhos bem abertos consigo que o ponteiro esteja quase sempre adiantado.

Leila achou que seria oportuno manifestar algum interesse:

- O que é que se faz aqui, concretamente?

- Eu sei lá, quase não produzem lixo. Não! Não pergunte nada a ninguém. Arruina o rendimento.

Quando se aproximaram da parede do fundo, o tapete levou-os através de uma cortina flexível para uma sala que era cópia da primeira, à escala reduzida. Sobre as bancadas debruçavam-se apenas algumas dezenas.

Artimius esclareceu:

- ER45X! É daqui que me chega a maior parte dos refugos deste sector; deve ser o programa de treino. Funciona assim: nos tempos de pausa o estagiário com melhor índice desta sala vai substituir o operário com pior rendimento da laboração. É assim que se mantém uma produtividade elevada.

- E o que acontece ao operário com pior rendimento desta sala? – Questionou Leila.

- O costume nesta empresa é ter-se ainda mais uma oportunidade – como aspirante não remunerado em secções que existem nas subcaves, para selecção de mão-de-obra. É por aí que se inicia a carreira em qualquer especialidade. Só quem não se aguenta nesse estágio é que vai parar à Reserva.

Quando chegaram à secção seguinte do programa escolhido para a educação de Leila, Artimius ficou algo surpreendido:

- Olha! Pensava que aqui só lidavam com produtos químicos: enviam sempre muito fluido com elevada carga orgânica para reciclar. Mas afinal também têm uma apreciável força de trabalho.

- Aquilo são pessoas? – Admirou-se Leila quando começou a distinguir as sombras imersas nos grandes globos vidrados.

- Está ali um Capataz; vamos esperar para lhe perguntar. Estamos quase a entrar num intervalo.

- São metabolizantes ultra-especializados – indicou o interpelado. - Aqui fazemos produção de compostos raros e culturas de microorganismos, usando as potencialidades inapreciáveis dos órgãos humanos, devidamente adaptados. Somos tão bons na bioquímica como os enxertados na montagem de componentes.

- Enxertados são os que fizeram adaptações especializadas nalguns membros – explicou Artimius. – Alguns até têm braços e pernas extra. São engraçados; vejo muitos à hora de saída.

Leila não chegou a visitar locais de trabalho com enxertados, mas viu muitas outras estações onde o processo de fabrico decorria. A que mais apreciou foram os tratamentos térmicos, onde os operários se envolviam num estranho concurso: ver quem aguentava mais tempo dentro do escafandro, a posicionar e inspeccionar as peças imersas nos tanques. O vencedor era agraciado com uma redução no tempo de trabalho do turno seguinte.

Das áreas de mão-de-obra indirecta pouco lhe foi dado a conhecer. Apenas a sala onde decorriam os julgamentos e os castigos dos Inspectores de Qualidade, acusados de deixar passar produtos com defeito para além do estipulado.

Por fim, já completamente arrasada, Leila despediu-se de Artimius e esgueirou-se para dentro do armário que lhe haviam designado para passar a noite.

Às 06H44 apareceu um homem de bata branca para a levar. Impacientou-se durante os breves minutos em que Leila engoliu as papas e acompanhou-a até um edifício atarracado plantado no exterior, com guaritas providas de guardas em todos os cantos. Antes de ser admitida no espaço das operações Leila foi despida e sujeita a uma inspecção pormenorizada. Depois enfiaram-na debaixo de um chuveiro de água sem sabor, que lhe deixou a pele com aspecto de pergaminho.

À sua espera encontrou a mulher que a recebera na véspera. Sem sequer trocar cumprimentos, a mulher carregou em botões e apontou-lhe para onde devia olhar. Uma das paredes tornou-se transparente. Do outro lado viam-se muitos berços, com um bebé de colo em cada um. Metade dos recém-nascidos estava ligada a condutores eléctricos e tinham expressões muito compenetradas. Os desligados pareciam bastante agitados. De vez em quando um homem de bata branca vinha ao pé de um desligado e revirava-o no berço.

- Repare – intimou a mulher, – está quase na hora da mudança de estado.

No tecto do berçário acendeu-se uma linha de pontos verdes. Enquanto a luz permaneceu acesa os homens tiraram os fios das cabeças, braços e pernas de alguns bebés e ligaram outros tantos.

- Esta é a fase mais aborrecida mas não a menos importante – comentou a anfitriã.
- É o condicionamento primário. Aqui um observador externo ainda não consegue aperceber-se do trabalho do X-Bot. Por agora não lhe vamos mostrar nenhuma das outras fases.

Enquanto passavam a outra sala, Leila ouviu atentamente a exposição de um dos técnicos.

- Este é um dos projectos em que a Administração deposita mais esperanças; estamos muito à frente da concorrência. Quando estes operários estiverem prontos, o conceito de ultra-especializado vai passar a ter um novo significado. Com as novas competências que esperamos conseguir desenvolver, vamos ultrapassar a última limitação à utilização quase exclusiva de pessoas em vez de máquinas – a dificuldade em programar rapidamente alterações às especificações. Numa palavra: vamos obter operários de elevada programabilidade. Este é sem dúvida um importante desígnio social. Quantas mais pessoas, com as necessárias capacidades, conseguirmos integrar no processo produtivo, menos indigentes teremos de sustentar nas Reservas – e menos serão eliminados através do programa de reconversão de excedentes.

De pé, frente ao ecrã, Leila aguardou até ser estabelecido o contacto.

- Olá – eu sou o X-Bot – o teu amigo robot – queres brincar comigo?

- Não! – Optou Leila por responder.

Pausa.

- Então vais ficar de castigo.

O técnico interveio:

- Não, não, X-Bot. Tens de resolver o problema. Vamos começar de novo.

- Olá – eu sou o X-Bot – o teu amigo robot – queres brincar comigo?

Desta vez Leila resolveu entrar no jogo:

- Sim.

- Então bate as palmas.

Leila correspondeu ao solicitado.

- Iupiii – muito bem – agora toca nos dedos dos pés.

Leila tocou com ambas as mãos no alto da cabeça.

Pausa.

- Iupiii – muito bem – agora levanta os braços.

- Porra X-Bot. A instrução não foi bem cumprida. Tens de fazer alguma coisa. –

Pediu o técnico.

Pausa.

- Hoje ficas sem jantar – se voltares a errar levas um choque eléctrico – agora salta três vezes.

Leila não se atreveu a discordar.

- ... abana a cabeça.

- ... tapa os ouvidos.

- ... volta-te para a direita.

O choque eléctrico fez Leila dar um salto para fora da plataforma, aterrando atordoadada no meio do chão. O robot começou a gritar exigindo a presença de Seguranças.

O técnico não se conteve:

- Calma X-Bot! Tens de analisar melhor os padrões de resposta de cada espécime.

Nesta fase convém que não haja falhas antes da 26ª instrução. Usa a autoprogramação, caramba.

Leila ergueu-se devagar, a lançar chispas de irritação pelos olhos. Empurrou o técnico para o lado com brutalidade e esticou o indicador frente ao nariz carrancudo da matrona.

– Vocês não passam de um molho de malucos. Tirem-me daqui imediatamente, se não ainda vamos ter sarilhos.

Sobreveio uma discussão felina que se prolongou por vários minutos, até Leila conseguir ver os seus desejos atendidos. Foi arrastada para o exterior das muralhas do complexo por um esquadrão de encarapuçados, com maus modos.

Quando sentiu que conseguia dominar-se procurou a boca de metro mais próxima. Só se apeou quando chegou ao fim da linha, para lá da zona industrial, dos bairros habitacionais periféricos e dos muros farpados da Reserva. Estava na área reservada aos escritórios e sedes das Companhias. Para ser autorizada a subir até ao exterior teve de declinar a sua identidade ao Oficial da Guarda Corporativa que barrava a entrada. Ultrapassada a formalidade, saiu ao encontro da luz suave do sol e deambulou um pouco à sombra dos caramanchões floridos, no jardim que envolvia o terminal de transportes. Na primeira esplanada que encontrou tirou a barriga de misérias. Completamente refeita com o almoço faustoso, serviu-se de um táxi para completar o percurso.

Quando saiu para o átrio envidraçado que se estendia frente aos ascensores do último piso, foi avisada por uma secretária que ostentava um sorriso condescendente:

- Estão em reunião...

- Ora, não faz mal – retorquiu Leila, e irrompeu pela sala dos Directores adentro. - Mamã, Papá... meus queridos...

- Ah... olá Leila. Como estás filha? Fizeste um estágio muito curto; tens a certeza que foi suficiente?

- Ora Raul! A nossa filha sabe o que faz. E agora não te esqueças do que prometeste: se ela decidir não seguir uma carreira na indústria vais ter de deixá-la em paz.

Leila ganhou fôlego antes de dar a boa notícia:

- Não mãe. Eu estava enganada. Adorei a fábrica. Desisto da ideia de ser bailarina. Vou assumir o meu lugar na Administração. E vai ser quanto antes. Há muito trabalho a fazer. Aquele projecto do X-Bot está a ficar uma autêntica trapalhada, mas tem bastante potencial. É por aí que vou começar. ■

Será Deles o Reino dos Céus

Telmo Marçal

1. O miserável indigente

Romeu deixou cair a tampa do baú onde arrecadava os atavios, deu uma miradela ao relógio e raspou-se para a saída. Ainda a rir-se das expressões e sussurros que deixara para trás, ao longo do átrio do hotel, interpelou peremptório o porteiro:

- Ó amigo, chame-me um táxi.

Romeu era hóspede de longa data: o seu ar andrajoso não provocou no porteiro o tipo de choque que abalava os demais, quando o viam naqueles preparos.

Alcançado o destino, Romeu postou-se frente ao aglomerado de casebres, engrossando um grupo de aspecto miserável que conversava animadamente no passeio. Minutos depois entraram num autocarro que os largou junto à entrada de serviço da residência de Carlos Garsch. Foram conduzidos através dos jardins até ao *plateau* improvisado, onde os assistentes de produção industriaram cada um dos indigentes nos efeitos pretendidos.

Carlos Garsch apareceu ao cimo das escadas, com uma flamejante esposa pelo braço. Depois de receberem o sinal desceram os degraus e misturaram-se com a turba, trocando sorrisos e apertos de mão efusivos.

A voz doce de um locutor sobrepôs-se à música ambiente:

- No nosso programa *A Vida Privada dos Notáveis*, visitamos hoje a casa de Carlos Garsch, homem conhecido pela sua filantropia. Como podem ver, viemos encontrar o distinto cavalheiro e a sua encantadora esposa envolvidos em plena actividade de beneficência, em prol dos desprotegidos. Doutor Garsch, estamos em directo na televisão. Antes de mais pedimos desculpa por invadir assim de surpresa, sem avisar, a sua privacidade. Mas como sabe é exactamente esse o objectivo do nosso programa. Eu e os espectadores agradecemos a amabilidade de nos ter recebido. Mas diga-me: o que faz toda esta gente, aqui, no salão da sua casa?

Garsch ajeitou-se frente à câmara, amparando a sorridente consorte pela cintura e debitou o seu discurso.

Antes de sair Romeu encheu os bolsos com bolos e frutas – para não se atrasar ao próximo compromisso teria de saltar a hora do almoço.

Chegou meio esbaforido à estação de rádio. O produtor estava com os cabelos em pé por não ter havido tempo para preparar a entrevista, mas Romeu sossegou-o com uma pancadinha no ombro. Entrou no estúdio de mãos dadas à mulher e à criança a quem tinha sido apresentado no átrio.

- Fizemos questão de vir aqui agradecer, – disse Romeu ao microfone com a voz embargada – a todas as pessoas que participaram na iniciativa. Graças ao vosso bom coração o meu filhinho já vai poder fazer a operação e – com a ajuda de Deus – voltar novamente a andar. Eu e a minha mulher rezaremos todas as noites, pedindo as maiores felicidades para todos os que contribuíram com o seu donativo, tornando possível este verdadeiro milagre.

De regresso ao hotel, Romeu encontrou o Agente da Corporação à sua espera, com cara de poucos amigos. Subiram ao quarto e o homem desabafou:

- Prepara-te que as coisas podem arrefecer. Não sei se sabes: dentro de duas semanas vamos ter eleições. A malta tem trabalhado muito, mas mesmo assim isto pode dar para o torto. Tenho ouvido uns boatos lá na organização – a malta das sondagens às vezes descaí-se – e é possível que os outros tenham uma boa votação. Se isto dá a volta não vai ser nada bom para o negócio; os gajos têm umas ideias tramadas.

Romeu encolheu os ombros. De política não percebia nada. Sempre tinham existido pobres e cada vez parecia haver mais. Todos os governantes – e ele conhecia alguns – juravam a pés juntos ajudar os pobres. De uma forma ou de outra alguma coisa se havia de arranjar. Por agora era aproveitar ao máximo os compromissos da campanha eleitoral: os vários concorrentes tinham muitas iniciativas na zona onde Romeu era invariavelmente convidado a assumir o seu papel.



Romeu saltou da cama estremunhado ao primeiro toque do telefone. Tinha a voz gelada quando respondeu à chamada, mas amaciou de imediato: do outro lado estava o seu Agente.

- É bom ouvir-te – cumprimentou Romeu. – Há muito que não arranjias um trabalho aqui para o amigo.

- Eu avisei-te! Isto agora vai mau e ainda vai ser pior: fomos informados que amanhã os gajos desse novo Serviço que inventaram para lixar os pobres, vão fazer uma incursão no bairro onde tens a barraca. Convém que lá estejas, para não perder o estatuto.

2. Os tempos da abundância

- **Q**ual o montante mensal que auferes e qual a respectiva proveniência?

- Hã?

- Dinheiro; quanto é que ganha por mês?

- Eu não tenho nada, minha senhora. Sou pobre: vivo da caridade.

- Está desempregado?

- Bem... sim.

- Já procurou emprego?

- ... Sim... em tempos. Não tenho estudos; nem experiência – nunca me deram uma oportunidade. E sou muito fraco do coração: não presto para trabalhos pesados.

- Esta habitação é sua?

- Habitação? É uma barraca a cair de podre; sem água, luz, telefone... mas sim: é minha. Foi-me cedida pelo anterior proprietário que a construiu com as suas próprias mãos.

- Tem família?

- Ná! Já me deixei disso.

- Muito bem! Recolhem nos diversos serviços algumas informações a seu respeito: faltava este questionário para completar o processo. O Governo, através dos Serviços Regionais de Combate à Miséria, decidiu dar-lhe a oportunidade que lhe faltava. Para já vai ter direito a uma habitação com um mínimo de decência. Como é sozinho terá de ficar num dormitório comunitário durante uns tempos. Tenho a certeza de que vai gostar; pelo menos terá onde tomar banho. Apresente-se nesta morada. Daqui a uns dias vou lá ter consigo para falarmos sobre emprego.



Desde o início da jornada Romeu já percutira quatro marteladas. A primeira, a experimentar, fora mais um raspar tímido na bancada do que um verdadeiro baque. A segunda, mais energética, já tivera uma sonoridade interessante. À terceira conseguiu acertar no prego, que saiu disparado para parte incerta, numa trajectória culminada com um *Ui!*, emanado algures da fila da frente. Entusiasmado por dominar o segredo de projectar pregos à distância, Romeu pôs toda a sua alma na martelada seguinte, o que lhe trouxe os maiores dissabores à primeira falange do indicador.

- Não, não tem problema. Agora vai ficar de baixa uns dias, com dois terços do vencimento – esclareceu a paciente enfermeira.

- Deixe estar, não se preocupe: temos gente mais do que suficiente para endireitar pregos. Nem sei onde vou arranjar pregos que cheguem para lhes dar de fazer; acho que depois do almoço vou formar duas equipas: uns a endireitar os pregos e outros a entortá-los – consolou o Encarregado, levando a coisa para a brincadeira.



Romeu parece que tinha saído na rifa: a rapariguinha que perseguia os miseráveis não lhe deu mais de três semanas de ripanço.

- Arranjei-lhe uma óptima colocação, já que decidiu não ser talhado para a carreira de carpinteiro. Num restaurante do centro, a dar apoio à copa. São é só três horas por dia: temos de dar oportunidades a mais colegas.

Ao fim de uma semana a administração do lugar reuniu de emergência e tomaram uma decisão corajosa: mesmo perdendo o generoso subsídio de integração, e correndo o risco de desagradar às instâncias oficiais, queriam Romeu dali para fora quanto antes. Não pelos pratos partidos, nem pelas más respostas ao Chefe de Sala. Intolerável era o homem não se coibir de passear pelos salões, tomando-se de confianças em alegres petiscadas com qualquer dos clientes, alegando invariavelmente que era tudo por conta da casa.



Bem no fundo Romeu até nutria algum desgosto por não se estar a adaptar ao novo papel. Nunca abarcaria a complexidade dos rituais transcendentais que regiam os mistérios do acto de trabalhar.

O seu Agente pirara-se para parte incerta e os demais colegas andavam a penar mais ou menos no mesmo estilo. Estava abandonado à sua sorte, mas nem por isso sucumbia ao desânimo: mantinha os olhos bem abertos, atento a uma verdadeira oportunidade.

Num domingo, manhã cedo, conseguiu tomar uma das esquinas da igreja. Escolheu a melhor, a que daria sombra quando o sol conseguisse ultrapassar o casario. Por má sorte a outra esquina foi pouco depois guarnecida por um polícia, só para estragar o negócio da esmolinha.

Enquanto passavam as almas para o consolo semanal, Romeu e o polícia ficaram a medir-se pelo canto do olho. Na esquina sombreada os fiéis abrandavam o passo para esticar a conversa:

- ... os Voluntários Para os Filhos de Deus também estão a pensar desistir... não há ninguém hospedado no Abrigo dos Pobres.

- É o que eu lhe digo! Não vale a pena: não há quem precise. Nós, na Liga das Senhoras da Boa Vontade, já só fazemos excursões. Acabámos com os peditórios, as festas de caridade, a recolha de roupas... até fechámos a sopa dos pobres.

- É uma desgraça!

- Um sacrilégio: esta gente que manda agora impede-nos de praticar os ensinamentos de Deus.



Interrompida de forma abrupta e por moto-próprio, uma terceira experiência como cantoneiro da recolha de lixo, o malfadado anjo-da-guarda adstrito a Romeu irrompeu pela camarata adentro, com uma cara de enterro:

- Isto assim não pode continuar; mais uma vez tenho as piores informações a seu respeito. Pode-me explicar porque é que deixou de comparecer no seu local de trabalho?

- O cheiro do lixo dá-me vertigens – balbuciou o visado, na sua mais descarada aparência de humildade. – Ainda acabava por cair do estribo e partir uma costela.

A funcionária concentrou-se por momentos em aspirar todo o ar necessário ao discurso que trazia engatilhado:

- Vivemos uma nova era, senhor. O nosso governo não olha a meios para levar à prática os mais arrojados programas sociais; vamos acabar de vez com o flagelo da miséria e da indigência. Pela primeira vez na história da nação, é possível afirmar que todos os cidadãos têm um tecto para dormir e que não precisam de recorrer à mendicidade ou ao crime para viver com um mínimo de dignidade. Mas estes altos designios, caro senhor, só são alcançados com a integração de muitos esforços, nos quais cabe um papel fundamental ao próprio indivíduo. E consigo estamos muito desiludidos.

»Mas apesar de toda a sua má vontade, devo assegurar-lhe que nada tem a recear: não precisa de retomar a sua desgraçada existência. O Estado continuará a prover o sustento a que tem direito à luz da nossa avançada legislação. O que se lhe vão acabar é as mordomias: doravante ser-lhe-á apenas atribuído o Subsídio de Sobrevivência Mínimo.»

Romeu encolheu os ombros, puxou as cobertas para cima e rolou para o outro lado.

3. Más companhias

Se cada mês não tivesse mais de uma semana, Romeu seria um homem satisfeito. A complicação da existência fazia-se notar nas restantes três semanas, quando se escoavam os derradeiros trocos da mesada e os donos das pensões lhe punham a sacola à porta. Nessa altura Romeu despedia-se da cidade e empreendia uma curta migração até aos arrabaldes, onde reclamava uma tarimba nas tendas dos Acampamentos de Apoio Especial – duas refeições por dia, uma fria e uma quente, e três horas de televisão à noite.

Numa dessas noites de modorra e autocomiseração frente ao ecrã, Romeu viu um velho conhecido a discursar de palanque:

- E é assim que se mina e corrói a fibra da nação – vociferou Carlos Garsch. – Pagamos impostos que apenas servem para alimentar a preguiça. Não há quem queira trabalhar. Os nossos jovens passam a vida refugiados em estâncias de férias, de papo para o ar, sem responsabilidades nem obrigações.

Depois prosseguiu em tom mais intimista: *- Enquanto isso as empresas definham, os nossos empresários, apesar de patriotas, são forçados a contratar estrangeiros. O que faremos se um dia – Deus nos livre e guarde – essa gente começar a cortejar as nossas filhas?*

E para rematar adoptou um ar paternal: - *Quem tem dois braços, duas pernas e uma cabeça em cima dos ombros, deve ganhar o seu sustento. Conto com o vosso apoio para acabar de vez com todos estes programas ditos sociais, que levam a nação à bancarrota.*

Romeu levantou-se para um aplauso entusiástico. A confiança da voz do orador fazia-lhe fervilhar por dentro um novo alento; há demasiado tempo que o rabo se fincava na cadeira da indolência.

O condutor do táxi anunciou a Romeu a chegada ao destino encomendado. O passageiro ficou pronto a descompô-lo, por inacreditável inépcia. Só depois de piscar os olhos algumas vezes percebeu que afinal não havia engano; o lugar é que estava quase irreconhecível. No bairro que nunca dorme as luzes estavam apagadas, os habituais magotes de transeuntes tinham desertado e as baiúcas barulhentas pareciam nunca ter existido.

Muito depois do motorista se pirar, Romeu ainda estava congelado no passeio, à espera de acordar do pesadelo. O último esbrasear de decisão levou-o por fim a empreender uma caminhada vagarosa.

Na falta de melhores coordenadas, Romeu foi lendo os números pespegados nas paredes, até deparar com aquele que uma memória distante lhe indicava ser o desejado.

Em vez do átrio sombrio a anteceder os gabinetes onde se passava revista aos visitantes, Romeu deu de caras com uma porta cerrada, sem os habituais matulões a ladeá-la. No lugar dos mecanismos ópticos de vigilância que antes cobriam a fachada, encontrava-se uma tabuleta discreta: **Sociedade Comercial de Importações e Exportações.**

Romeu ensaiou o primeiro passo em direcção à retirada, mas estacou ao ouvir uns ruídos algures do interior. Aguardou, um pouco apreensivo, até que a porta abriu o suficiente para alguém lhe lançar um sussurro:

- O que é que queres daqui? Toca a desandar.

- O meu nome é Romeu. Sou um mendigo ajuramentado da Corporação.

O sussurrador riu-se sem nenhuma vontade: - Corporação dos Mendigos? Estás a delirar. Agora já não há disso. Isto aqui é uma firma honesta.

- É isso! Eu procuro trabalho.

- Nos mendigos? És mesmo cabeça dura. Vai aos tipos do Social que eles arranjam-te que fazer.

Romeu resolveu explicar-se de uma vez por todas:

- Eu sei que o negócio dos pobres anda fraco; mas deve haver qualquer coisa que eu possa fazer. Posso aprender outra carreira: extorsão, conto do vigário, prostituição, tráfico...

A nova gargalhada do encoberto já saiu com outra vontade: - Prostituição? Com essa fronha? Não te prevejo grande futuro. Faz assim: segue até ao próximo quarteirão,

bate à porta com o número 126 e prepara-te para sofrer – primeiro eles vão ter de concluir que não és um agente encoberto. Se fores estás bem tramado.



Quando Romeu voltou do mundo dos sonhos reparou que todas as dores dispersas se tinham transformado numa única, nem por isso mais agradável. Abriu a parte da pálpebra que ainda funcionava e não gostou do que viu: estar todo nu e atado a uma bancada de cimento, fazia-o sentir vulnerável. Não que isso tivesse grande importância, a acrescentar à sova que já tinha encaixado. Mas pelo menos a malta parecia mais bem disposta, sem as carrancas que apresentavam quando tinham feito as honras da casa.

- Olha, Basil! O gajo já acordou.

- Olá meu rapaz! – cumprimentou o interpelado, enfiando um copo muito alcoólico pela boca de Romeu adentro. – Desculpa lá o mau jeito. Aqui temos de jogar pelo seguro: os tempos andam beras...

- Bruuncch...urghh!... – assentiu Romeu.

- Não há problema! Depois de desmaiarem fizemos uma chamadinha ao teu antigo Agente – agora é um funcionário muito respeitável, sabes? – ele afiançou que tu eras do melhor. Agora, se estiveres a preparar alguma, é ele que as paga. Eh! Tirem daí o rapaz e vejam lá se não tem nada partido... depois conversamos.

Romeu já sabia que para ingressar numa nova carreira teria de começar por baixo. Depois de alguns trabalhos solitários, a desancar velhotas que se demoravam demasiado pelos jardins e a atropelar motociclistas das entregas ao domicílio, para lhes surripiar as gorjetas, foi finalmente empossado como praticante de latrocínio. No dia do juramento os olhos encheram-se-lhe de lágrimas de felicidade.

Romeu ajeitou-se menos mal à sua nova profissão. Mas não raras vezes lhe sobrevinha uma saudade insidiosa, dos tempos em que usufruía de todos os confortos sem se sujeitar a sobressaltos. Quando não tinha que andar escondido, nem maltratar ninguém; tempos em que os olhos dos outros reflectiam compaixão e não temor. E o pior era aquela sombra omnipresente e ameaçadora: a polícia, que não deixava de lhes dar caça, por mais generosas e atempadas que fossem as contribuições para os respectivos fundos de velhice.

Uma noite Romeu foi convocado para uma operação colectiva. A equipa compreendia um Chefe de Quadrilha, três operacionais seniores e dois estagiários para cobrir a retirada, se a coisa desse para o torto. Era um trabalho de responsabilidade mas estava tudo previsto, conforme afiançara o responsável de operações no decorrer do *briefing*.

Depois de forçarem a entrada no armazém, o Chefe fez sinal a Romeu para seguir até ao escritório e tratar da saúde ao segurança. Quando lá chegou deparou com o homem frente ao televisor, provavelmente entretido com um daqueles filmes que passam nas horas impróprias; à primeira bordoadada ficou logo estendido para o resto da noite.

Romeu preparava-se para se juntar aos outros quando um aviso abafado o compeliu a não abandonar a posição:

- Todos quietos; acho que ouvi qualquer coisa.

Romeu tomou o lugar do incauto acabado de despachar e constatou que afinal a televisão só estava a mostrar uns tipos a palrar.

- ... *nesta noite de eleições. Dentro de momentos estaremos em condições de anunciar, já com toda a certeza, o nome do candidato vencedor, o homem que passará a gerir os destinos da nação...*

Desde o último evento do género que ouvir falar de eleições deixava Romeu com maus figados. Por causa de uma treta daquelas é que se lhe tinha acabado a vidinha repimpada. Mas agora era aguentar, que não se atrevia a mostrar a cabeça para mudar o canal.

- *Aqui connosco no estúdio temos os candidatos. Por certo estão bastante ansiosos, tal como nós e todos os restantes telespectadores. Um deles será o próximo...*

- Olha, Chefe! Eu conheço aquele... – entusiasmou-se Romeu.

A frase foi atalhada com brutalidade: - Cala-te estúpido! É a polícia. Aiii... – dois tiros ribombados no negrume cortaram-lhe o pio de uma forma abrupta.

Romeu enterrou-se no sofá invectivando a má sorte com todos os impropérios da lista.

- ... *resultados apurados já não deixam qualquer dúvida. O grande vencedor é o homem que promete pulso firme para voltar a colocar este país nos trilhos. Carlos Garsch, quer fazer o primeiro comentário a esta sua grande vitória?*

- *Meus queridos amigos. Obrigado pela confiança demonstrada. Tudo o que eu tenho para vos prometer é muito trabalho. Só assim conseguiremos sair da lama e da desgraça para onde fomos conduzidos pelas políticas inconscientes do anterior governo. Mas vai ser precisa muita firmeza e muitos sacrifícios. Para começar vamos provar, a quem nos acusava de não ter preocupações sociais, que estavam redondamente enganados. Não vamos depauperar a nação para proteger a preguiça, mas vamos combater a miséria, com um conjunto coerente de programas de apoio aos mais necessitados. Eu e a minha família sempre ajudámos os pobres. Tais práticas passarão doravante a ser política oficial do governo. E digo-vos mais...*

Romeu não conseguia evitar: sempre que ouvia o homem ficava possesso por um entusiasmo esperançoso e arrebatador.

- Que maravilha! – exultou, levantando-se para aplaudir.

Os tiros vindos das divisórias envidraçadas apanharam-no a meio da trajectória ascendente. A Romeu só restou ensejo para umas últimas palavras:

- Os bons velhos tempos estão de volta. Isto agora é que vai ser vida... ■